

O PODER DAS NARRATIVAS: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Antonia Márcia Barbosa Oliveira ¹

¹Tutora Presencial do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Facesa; Pedra Branca, Ceará, Brasil; marcia-oliveirapb@hotmail.com

RESUMO

Este artigo de pesquisa bibliográfica intitulado com a temática: O Poder das Narrativas: A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica no Processo de Alfabetização e Letramento, baseia-se na ideia de que, durante muito tempo, essa prática, embora relevante, tem sido utilizada de forma secundária no ambiente escolar, muitas vezes desvinculada de um planejamento pedagógico intencional. Partindo dessa perspectiva, o presente artigo busca analisar a importância da contação de histórias como recurso pedagógico no processo de alfabetização e letramento, compreendendo-a como uma prática intencional de ensino que contribui para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e social dos estudantes. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada em autores que discutem a relação entre linguagem, aprendizagem e práticas narrativas, como Soares, Kleiman, Vygotsky, Colomer, Cosson e Abramovich. Assim, este trabalho busca, em seu objetivo geral, analisar a importância da contação de histórias no processo de alfabetização e letramento. E já no que se refere aos objetivos específicos, o presente trabalho busca: compreender a relação entre alfabetização e letramento; analisar as contribuições da contação de histórias para o desenvolvimento das competências linguísticas, cognitivas e sociais; e discutir sua aplicação como prática pedagógica no contexto escolar. Portanto, foi possível perceber que a contação de histórias se configura como uma estratégia pedagógica significativa, favorecendo o desenvolvimento da oralidade, ampliando o repertório linguístico, estimulando a imaginação e contribuindo para a formação de leitores críticos, autônomos e socialmente conscientes, sendo, portanto, essencial sua inserção de forma planejada e sistematizada no contexto escolar.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Contação de histórias. Literatura infantil. Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional atual torna-se relevante a exposição e exploração da temática do presente artigo: O Poder das Narrativas: A contação de Histórias como estratégia Pedagógica no Processo de Alfabetização e Letramento, visto que o nosso país tem investido em diversos Programas Federais e Estaduais como o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA) que almeja garantir o direito à alfabetização das crianças brasileiras até o final do 2º ano do ensino fundamental de forma significativa e qualitativa. Para isso, o Governo Federal tem investido em materiais que impulsionem esse processo de alfabetização na idade certa. Observando o viés do Programa, pode-se observar que o mesmo apresenta em sua composição o Cantinho da Leitura, o que, por sua vez, vai ao encontro da importância de encontro com a importância da Literatura e seus eixos literários que abraçam desde a leitura, contação de história e contato com diversos gêneros e linguagem diversificada. Sendo assim, o referido artigo vem fundamentar e tecer contribuições teóricas em que traz como gargalo sobre o porquê de investir nesse eixo da linguagem oral e escrita dentro da etapa de Alfabetização e Letramento.

Mas afinal, o que é Alfabetização e Letramento? Segundo fontes teóricas e de pesquisas, são processos fundamentais para a formação do sujeito, sendo indispensáveis para sua inserção crítica na sociedade contemporânea. De acordo com Soares (2020), a Alfabetização refere-se à apropriação do sistema de escrita, enquanto o Letramento envolve o uso social da leitura e da escrita em práticas significativas. Nesse sentido, ambos os processos devem ocorrer de forma integrada, garantindo não apenas a aprendizagem do código, mas também sua funcionalidade social.

É perceptível que em algumas instituições brasileiras, mesmo com toda essa extensão de definições de como alfabetizar a criança na idade certa de maneira eficiente, lúdica e leve, “alguns espaços se apegam a práticas de leitura tradicionais que se concentram na dimensão técnica da Alfabetização, priorizando a decodificação em detrimento da compreensão e da produção de sentidos”, o que compromete a articulação de forma desintegrada a consonância com o letramento na extensão da formação de um leitor fluente e com senso crítico e interpretativo desenvolvido. Essa abordagem tradicional limita o desenvolvimento das competências de leitura, o que compromete a formação de sujeitos e suas habilidades leitoras. Dessa forma, questiona-se: quais contribuições a contação de histórias oferece ao processo de Alfabetização e Letramento?

Segundo a BNCC na parte que se refere ao campo de experiência: Escuta, fala, pensamento e imaginação, desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros.

Olhando para essas concepções teóricas, evidencia-se a importância e urgência na adoção de metodologias que valorizem a linguagem em sua dimensão social e cultural, como eixos fundantes que contribuem para que o processo de Alfabetização e Letramento seja consolidado pela criança de forma significativa e qualitativa. Portanto, nota-se que a contação de histórias tem um viés importantíssimo como uma prática pedagógica capaz de promover essa integração, ao possibilitar o contato com diferentes formas de linguagem e estimular a imaginação e a construção de sentidos, o que favorece o processo de leitura e escrita de maneira mais integrada e ativa.

Diante das contribuições presentes na literatura, observa-se que a inserção da criança em práticas de contação de história, favorece o desenvolvimento de competências leitoras e habilidades relacionadas à linguagem. Estudos apontam que a contação de história permite que o desenvolvimento cognitivo visual, tátil, auditivo e interpretativo seja adquirido de forma mais amplo e durador no processo de letramento de mundo e construção do senso crítico e argumentativo. Durante uma história, a criança é capaz de criar concepção, visão de mundo associando sua vivência cotidiana a elementos e personagens que passam a ser correlacionadas ao acervo literário usando durante a contação de história. Sendo assim, por meio do contar, é possível avaliar uma parte bem “diversificada e plural” desse processo de alfabetização, como: dicção, compreensão, atenção, concentração, desenvolvimento da escrita (nível de escrita), consciência fonológica, relação entre fala e escrita, construção de palavras, coerência e sequência de ideias, produção de textos (reconto, criação de histórias), coordenação motora (grafia), interesse pela escrita entre percepções.

Segundo Abramovich (1997), Vygotsky (1998), Ziberman (2003), entre outros teóricos, a contação de histórias é um valioso instrumento de auxílio à prática pedagógica de professores desde a educação infantil e perpassando demais etapas do ensino básico.

Dessa forma, o então artigo tem como propósito contribuir com os diversos arsenais de pesquisas científicas e seus membros acadêmicos, um pequeno fragmento de informações que respalda-se na importância dessa junção entre a contação de história e o processo de Alfabetização e Letramento dentro do seio educacional que complementa e integra-se aos diversos trabalhos que abordam sobre essa temática. Mais do que um recurso de entretenimento ou ilustração pedagógica, a contação de história assume uma função mediadora na construção de experiências simbólicas, cognitivas e linguísticas no ambiente escolar, portanto, este trabalho vem de encontro com outras abordagens que relatam sobre a importância do segmento da literatura com agente indissociável da Alfabetização e Letramento.

É fundamental salientar que a elaboração deste Artigo Científico foi conduzida a partir de uma abordagem de caráter exploratório, com base em procedimentos de natureza bibliográfica. A pesquisa foi desenvolvida mediante o levantamento e a análise de produções científicas já existentes, incluindo livros, artigos acadêmicos e outras publicações relacionadas ao tema da contação de histórias no processo de alfabetização e letramento. O referencial teórico que sustenta a discussão é composto por autores como Soares (2020), Kleiman (2014), Cosson (2018), Abramovich (2006), Vygotsky (2007) e Colomer (2007), cujas contribuições permitem compreender o fenômeno investigado sob diferentes perspectivas. Assim, busca-se interpretar e refletir sobre a relevância da contação de histórias enquanto prática pedagógica no contexto educacional. A escolha dessa metodologia justifica-se pela necessidade de compreender o fenômeno investigado a partir de diferentes abordagens teóricas, contribuindo para uma análise consistente e fundamentada.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Alfabetização e Letramento

A compreensão da alfabetização ao longo da história da educação brasileira passou por um processo significativo de resignificação teórica e metodológica. Inicialmente concebida

sob uma perspectiva estritamente tecnicista, a alfabetização era reduzida à aprendizagem do sistema alfabético, centrada na memorização de grafemas, fonemas e na reprodução mecânica de sílabas e palavras. Nesse modelo tradicional, o sujeito aprendiz era compreendido como receptor passivo de informações, desconsiderando-se sua condição de agente ativo no processo de construção do conhecimento.

Entretanto, a partir do avanço das pesquisas no campo da linguística aplicada e da educação, essa visão reducionista passou a ser amplamente questionada. Nesse sentido, Soares (2020) destaca que a alfabetização não pode ser compreendida apenas como domínio do código escrito, pois envolve simultaneamente a inserção do indivíduo em práticas sociais reais de leitura e escrita, nas quais a linguagem adquire função comunicativa, social e cultural.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)²⁷, em seu Artigo 4º, definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2009).

Corroborando essa perspectiva, Kleiman (2014) amplia o debate ao afirmar que o letramento não se restringe a habilidades individuais de leitura e escrita, mas se constitui como um conjunto de práticas sociais situadas historicamente. Nesse sentido, a escola não deve apenas ensinar a ler e escrever, mas promover situações reais de uso da linguagem, nas quais os estudantes possam interagir com diferentes gêneros textuais, interpretar discursos e produzir sentidos em contextos significativos.

A partir dessa compreensão, o ensino da leitura e da escrita passa a ser concebido como prática social complexa, que exige a articulação entre linguagem, cultura e experiência cotidiana dos sujeitos. Assim, a escola deixa de ser apenas transmissora de códigos e passa a assumir o papel de mediadora da construção de sentidos.

Nessa mesma linha de corrente filosófica, de acordo com Paulo Freire (1996) “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Essa proposição desloca o foco do ensino da linguagem para a experiência vivida do sujeito, reconhecendo que todo processo educativo deve partir da realidade concreta dos educandos. Para Freire, alfabetizar não é apenas ensinar a decodificar palavras, mas possibilitar que o sujeito compreenda criticamente o mundo em que está inserido, desenvolvendo consciência histórica, social e política.

De acordo com Magda Soares, em seu livro publicado em 2020- *Alfabetizar- Toda criança pode aprender a ler e a escrever*, a autora traz vários fundamentos e conceitos de alfabetização e letramento, apresentando-os historicamente e pontuando com clareza a relevância desses conceitos no processo de alfabetização.

A autora citada afirma que:

Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro são de natureza essencialmente diferente, entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização – a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita (Soares, 2021, p. 27).

Dessa forma, compreender a alfabetização sob a perspectiva do letramento implica reconhecer que o ensino da língua escrita deve ser fundamentado em práticas pedagógicas que valorizem a interação, a reflexão, a experimentação e a construção ativa de sentidos. Nesse cenário, a contação de histórias emerge como uma estratégia pedagógica altamente significativa, pois articula linguagem oral e escrita, imaginação e realidade, experiência individual e cultura coletiva, favorecendo a aprendizagem de forma integrada e contextualizada.

2.2 A linguagem como mediadora do desenvolvimento cognitivo e social

A linguagem constitui-se como um dos elementos centrais do desenvolvimento humano, sendo responsável não apenas pela comunicação entre indivíduos, mas também pela organização do pensamento, pela construção da subjetividade e pela mediação das relações sociais. Sob essa perspectiva, Vygotsky (2007; 2008) afirma que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação social mediada por instrumentos culturais, sendo a linguagem o principal desses instrumentos.

Para o autor, as funções psicológicas superiores como memória voluntária, atenção consciente, pensamento abstrato e planejamento não são inatas, mas desenvolvem-se a partir das relações sociais e culturais estabelecidas pelo sujeito ao longo de sua vida. Isso significa

que o conhecimento não é internalizado de forma isolada, mas construído na interação com o outro, em contextos historicamente situados.

A contação de histórias insere-se nesse contexto como uma prática pedagógica que potencializa a mediação simbólica, uma vez que a narrativa oral exige escuta ativa, interpretação, construção de sentidos e organização mental dos acontecimentos. Ao acompanhar uma história, a criança é levada a estabelecer relações de causa e efeito, sequências temporais, identificação de personagens e compreensão de conflitos narrativos.

Além disso, a narrativa oral contribui significativamente para o desenvolvimento do repertório linguístico, pois expõe o sujeito a diferentes estruturas sintáticas, variações lexicais e formas discursivas que ampliam sua competência comunicativa.

2.3. A contação de histórias como prática pedagógica estruturante e interdisciplinar

A contação de histórias deve ser compreendida como uma prática pedagógica estruturante, uma vez que articula dimensões cognitivas, afetivas, culturais e linguísticas em um mesmo processo educativo. Diferentemente de atividades fragmentadas e descontextualizadas, a narrativa oral promove uma experiência global de aprendizagem.

De acordo com Abramovich (2006) ao ouvir histórias constitui uma das experiências mais significativas na formação do leitor, pois desperta emoções, estimula a imaginação e favorece o vínculo afetivo com a linguagem. Esse vínculo emocional é fundamental, pois contribui para que a aprendizagem se torne significativa e duradoura. Abramovich (2006, p.17) diz que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, pavor a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, e viver profundamente tudo que as narrativas provocam em que as houve, com toda a sua amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar, pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

Para Colomer (2007), a literatura infantil desempenha papel essencial na formação do sujeito leitor, ao possibilitar o contato com diferentes formas de representação do mundo. A narrativa literária amplia horizontes de interpretação, permitindo que o leitor compreenda diferentes perspectivas e contextos sociais.

2.4. Contribuições da contação de histórias para o processo de alfabetização

No contexto do processo de alfabetização, a contação de histórias assume um papel pedagógico fundamental ao possibilitar a inserção da criança em situações significativas de uso da linguagem oral e escrita. Diferentemente de práticas mecanizadas centradas na repetição de sílabas e palavras isoladas, a narrativa oral oferece um contexto rico em sentido, no qual a linguagem se apresenta de forma viva, funcional e socialmente situada.

Morais (2007) destaca que a consciência fonológica constitui um dos principais preditores do sucesso na alfabetização, uma vez que envolve a capacidade de perceber e manipular os sons da fala. Nesse sentido, a escuta de histórias contribui diretamente para esse desenvolvimento, pois expõe a criança a padrões rítmicos, sonoros e estruturais da língua, favorecendo o reconhecimento de unidades linguísticas como sílabas, fonemas e palavras.

Outro aspecto relevante refere-se à ampliação do vocabulário. A contação de histórias insere o sujeito em um universo lexical mais amplo e diversificado do que aquele presente em sua fala cotidiana, possibilitando o contato com palavras novas, estruturas mais complexas e diferentes registros de linguagem. Esse processo contribui diretamente para a compreensão leitora e para a produção textual futura.

2.5. Contribuições da contação de histórias para o letramento

No campo do letramento, a contação de histórias desempenha um papel ainda mais amplo, pois contribui para a inserção do sujeito em práticas sociais de leitura e escrita que ultrapassam o ambiente escolar. Kleiman (2014) argumenta que o letramento não se restringe à habilidade individual de ler e escrever, mas envolve práticas sociais situadas, nas quais a linguagem é utilizada para diferentes finalidades comunicativas.

Portanto, a contação de histórias possibilita que o estudante compreenda a função social da leitura e da escrita, ao perceber que os textos não existem isoladamente, mas circulam em contextos reais, carregados de intenções, valores e significados.

2.6. O papel do professor como mediador no processo de contação de histórias

Quando pensamos no papel que o docente desempenha no processo de contação de histórias, atuando como mediador entre o texto, os estudantes e os sentidos construídos na interação pedagógica, percebemos que, a inclusão dessa prática, torna-se crucial dentro do

processo de leitura e escrita. Essa mediação não se limita à simples leitura ou narração, mas envolve intencionalidade pedagógica, planejamento didático e sensibilidade para as necessidades do grupo.

Para Freire (1996) ensinar exige rigorosidade ética, reflexão crítica e compromisso com a formação do sujeito. Nesse sentido, o professor não é apenas transmissor de conteúdos, mas um mediador do conhecimento, responsável por criar condições para que o aluno construa sua própria compreensão do mundo.

Ao planejar uma contação de história, o professor precisa selecionar narrativas adequadas ao contexto dos alunos, considerando sua faixa etária, realidade sociocultural e nível de desenvolvimento linguístico. Além disso, deve utilizar estratégias expressivas de narração, como entonação, pausas, gestos e recursos visuais, que potencializam a compreensão e o envolvimento dos estudantes e torna a sua prática efetiva e eficaz.

2. 7. A contação de histórias e a formação do leitor crítico e autônomo

A formação do leitor crítico constitui um dos principais objetivos da educação contemporânea, especialmente em uma sociedade marcada pela circulação intensa de informações e discursos diversos. Nesse contexto, a contação de histórias assume papel fundamental ao contribuir para o desenvolvimento de habilidades interpretativas, reflexivas e analíticas.

Segundo Cosson (2018) o letramento literário é essencial para a formação do leitor crítico, pois possibilita a compreensão da literatura como forma de representação simbólica do mundo. A leitura literária, portanto, não se limita ao entretenimento, mas constitui uma prática de construção de sentidos e de interpretação da realidade. Para Cosson (2016):

É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (Cosson, 2016, p.17)

Partindo dessas concepções teóricas, torna-se nítido de que a literatura em seu contexto voltado para a contação de histórias, tem um teor grandioso para estimular a interpretação e a reflexão, contribuindo diretamente para os processos formativo, pois permite que o estudante

não apenas receba informações, mas construa sentidos próprios e desenvolva sua autonomia como leitor.

CONCLUSÕES

Mediante toda essa abordagem teórica e científica, conclui-se que a contação de histórias constitui uma prática pedagógica relevante no processo de alfabetização e letramento, pois favorece o desenvolvimento da linguagem oral e escrita e amplia o repertório linguístico dos estudantes, em que contribui para o processo de alfabetização ao possibilitar a aprendizagem da leitura e da escrita de forma mais significativa, articulando o sistema de escrita às práticas sociais de uso da linguagem.

Além disso, evidencia-se que essa estratégia pedagógica promove maior interesse, participação e envolvimento dos estudantes, o que, por vez, proporciona ao aluno uma aprendizagem mais coesa, coerente e prolongada. Dentro desse mesmo viés, podemos destacar ainda o papel fundamental do professor como mediador no processo de ensino, sendo ele responsável por planejar, orientar e potencializar as experiências pedagógicas através da inclusão e adoção da contação de história como aliada para desenvolver competências e habilidades centradas na formação do leitor fluente.

Portanto para fechamento desse artigo, conclui-se que a contação de histórias articula linguagem, cultura e aprendizagem, constituindo-se como uma estratégia essencial para o desenvolvimento integral dos alunos no contexto escolar, social e cultural. Porém, é interessante salientar que, a contação de história precisa estar conectada a vários eixos da linguagem de forma integrada e correlacionada para que sua contribuição seja ativa e benéfica na construção e desenvolvimento da leitura e escrita. Sendo assim, é importante a constância de pesquisa e estudos que direcionem o professor a usar diferentes estratégias e fundamentações teóricas que norteiam a aplicação e uso dessa prática pedagógica tão essencial para formação de uma geração leitora ativa e que luta e acredita no poder da literatura.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. 2017. Acesso em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em 22 de fev. 2026.

BRITO, E. C. **Letramento Literário na Educação Básica**. Universidade do Estado do Pará. Centro de Ciências Sociais e Educação. Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas. 2023. Disponível em: <<https://propesp.uepa.br/ppgell/wp-content/uploads/2024/10/Letramento-literario-na-educacao-basica.pdf>>. Acesso em 22 de fev. 2026.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2018.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

LIMA, L. F. MARTINS, C. S.M. **Alfabetização e Letramento: possibilidades e/ou limites dos Documentos Curriculares Municipais**. 2024. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/870765/2/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20e%20Letramento.pdf>>. Acesso em 22 de fev. 2026.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges. **Alfabetização e letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOURA, G. **A Literatura Infantil e o desenvolvimento humano**. 2024. Disponível em: <<https://www.ebcv.org/post/a-literatura-infantil-e-o-desenvolvimento-humano>>. Acesso em 22 de fev. 2026.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.